

# Machado de Assis, um Contemporâneo em Quadrinhos: tessituras sobre mídias, traduções e bricolagens em tempos líquidos

João Paulo Bandeira de Souza

Debate o discusión en teoría social

Grupo de Trabajo N°3: Produção, consumos culturais e Média

## Resumo

O trabalho gira em torno de uma tentativa de compreensão dos significados culturais contemporâneos de uma revista em quadrinhos. Uma adaptação de um conto escrito por Machado de Assis, *A Cartomante*, que ao ser traduzido para as cores dos quadrinhos e já acessíveis em *tablets*, as já tão coloridas páginas machadianas sobrevivem à atual crise do preto e branco das linhas dos textos e tornam a brilhar com outras intensidades nas coloridas superfícies dos quadrinhos, permitindo que os ensinamentos machadianos e sua fina literatura, mesmo que em outras formas, continuem contemporâneos por ainda permitirem pensarmos sobre as bricolagens que fazem a vida cultural brasileira contemporânea.

**Palavras Chaves:** Machado de Assis, Humanismo em Quadrinhos, Bricolagens líquidas

## 1. INTRODUÇÃO

[...] Não tendo o gosto de conhecer-vos, mais tocante me foi a vossa lembrança. Pelo que me dizeis em vossa bela e afetuosa carta, foram os meus escritos que vos deram a simpatia que manifestais a meu respeito. Há desses amigos, que um escritor tem a fortuna de ganhar sem conhecer, e são dos melhores. É doce ao espírito saber que um eco responde ao que ele pensou, e mais ainda se o pensamento, trasladado ao papel, é guardado entre as coisas mais queridas de alguém. (ASSIS, 2008, Vol. III, p. 1361)

O texto que segue gira ao redor de uma série de reflexões, feitas ao longo e após a disciplina teorias contemporâneas da cultura<sup>1</sup>, conduzidas partir da tentativa de compreender os significados culturais e o lugar no mercado cultural de uma HQ, que é uma adaptação, ou melhor, tradução, um exercício de Bricolagem com um dos mais famosos contos de Machado de Assis, *A Cartomante*.

O conto foi publicado pela primeira vez no dia primeiro de Janeiro de 1886, no jornal *A Gazeta de Notícias*, primeiro jornal vendido nas ruas do Rio de Janeiro. O sucesso e a qualidade da história lhe fizeram ser escolhida como o conto que abre a quinta coletânea publicada por Machado de Assis em vida, o livro *Várias Histórias*, que chegou às livrarias da rua do Ouvidor em 1895. Desde então foram inúmeras republicações, o conto até hoje figura nos catálogos das editoras aparecendo publicado nas mais variadas antologias e coletâneas que se destinam aos mais variados públicos.

---

<sup>1</sup> Disciplina ministrada pelo professor Dr. Alex Galeno Araújo Dantas, orientador desse trabalho, no Programa de Doutorado da Pós graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no Brasil.

A versão em Quadrinhos que aqui estamos tratando, foi vendida como encarte, no ano de 2011, no jornal Diário do Nordeste, de grande circulação na cidade de Fortaleza. O jornal trazia-a como parte de uma promoção para leitores e assinantes, uma série de HQ's, denominada *Literatura Brasileira em Quadrinhos*, a mesma série já tinha sido editada pela editora Escala Educacional, no ano de 2006, mas ainda é vendida em muitas livrarias.

A coleção é uma coletânea de dez HQ's que traziam adaptações para os quadrinhos textos de consagrados autores das letras nacionais; na coleção temos revistas inspiradas em Machado de Assis, Lima Barreto, Manuel Antônio de Almeida e Aluísio de Azevedo, que tiveram suas obras adaptadas para o formato dos quadrinhos.

O objetivo da pesquisa é buscar pensar como por meio de uma interpretação sobre um “artefato cultural” podemos criar novas possibilidades de compreensão sobre a invenção da cultura na vida contemporânea. Para melhor conduzir a argumentação reuni meus argumentos em torno de dois, do que chamaremos de “fluxos de ideias”.

Um fluxo de ideias que ajuda a pensar sobre as mudanças ocorridas na cultura e no pensamento sobre a cultura nos atuais tempos líquidos, por meio de um diálogo com ideias de Bauman e Morin, que nos conduziram como um fio de Ariadne pelos efêmeros caminhos do “labirinto líquido-complexo”, permitindo perceber aspectos sutis, porém emblemáticos, das bricolagens culturais na vida cotidiana contemporânea. Essas ideias aparecem na seção, *Bricolagens em Quadrinhos: pensando cultura em tempos líquidos*.

O outro fluxo que vem misturar-se ao primeiro é uma provocação influenciada pelas leituras de dois pequenos textos, de valioso conteúdo, *Linha e Superfície* de Vilém Flusser e *Regras para o Parque Humano: Resposta à Carta ao Humanismo de Heidegger*, escrito por Peter Sloterdijk. A provocação é a seguinte: **Quem diria que os quadrinhos acabariam salvando o humanismo?** Aqui pensaremos a HQ da Cartomante como: uma tradução cultural, um exercício que vai da linha à superfície; uma nova possibilidade de por em outros termos a relação entre mídias inibidoras e desinibidora; e ainda um espaço para repensarmos o lugar dos humanistas como meros arquivistas da cultura. As reflexões constam na seção: *Sobre Mídias e Traduções: Quem diria que os quadrinhos ajudariam a salvar o humanismo!*

## 2. BRICOLAGENS EM QUADRINHOS: REFLEXÕES SOBRE O LABIRINTO CULTURAL NA ERA LÍQUIDA

A cultura líquido-moderna não se percebe mais como uma cultura do aprendizado e do acúmulo, como as outras registradas nos relatos de historiadores e etnógrafos. Parece, em vez disso, **uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento**. (Grifos Meus BAUMAN, p. 84)

No conto, *Os dois reis e os dois labirintos*, Jorge Luis Borges, narra, que um rei de uma ilha babilônica, por capricho e necessidade de experimentar e demonstrar seu poder ordenou que seus magos e arquitetos construíssem um magnífico, desconcertante e intransponível labirinto, que ao ficar pronto mais parecia obra dos deuses e não dos homens, por maravilhar e confundir qualquer homem, qualquer rei. O rei babilônico para zombar de um hóspede, um rei árabe que em suas terras pousava, o fez prisioneiro no labirinto, e o deixou por lá vagando, humilhado e perdido, até o cair do dia, quando já exausto, o rei perdido implorou por ajuda divina, e por milagre conseguiu achar a saída.

O rei humilhado prometeu ao algoz que um dia, se Alá permitisse, o levaria para conhecer seu labirinto na Arábia. O árabe retornou ao seu reino e reuniu aliados para em seguida invadir e

arrasar os domínios do rei que o fizera prisioneiro, por fim aprisionou o algoz, que foi levado para conhecer o labirinto Árabe e por lá ficou abandonado para morrer. Vejamos o trecho clímax do conto:

Ó rei do tempo e substância e cifra do século! Na Babilônia desejava que eu me perdesse num labirinto de bronze com muitas escadas, portas e muros; o Poderoso teve por bem que eu agora te mostre o meu, onde não há escadas a subir, nem portas a forçar, nem cansativas galerias a percorrer, nem muros para impedir a passagem. (BORGES)

A lembrança do conto me veio quando participava como ouvinte da aula inaugural da disciplina, *Teorias Contemporâneas da Cultura*. A aula foi uma palestra proferida pela professora Ceíça Almeida que, entre tantas outras relevantes ideias e posicionamentos habilmente apresentados sobre as bricolagens da cultura, ensinava sobre a possibilidade de compreendermos a cultura por meio de uma interpretação da imagem do labirinto, percebendo-o como uma metáfora libertadora aos que desejam pensar sobre noções de culturas e não apenas sobre conceitos de cultura.

A cultura é em si mesma e por si mesma uma grande metáfora, uma grande invenção, uma narrativa repleta de aspectos indecifráveis, que exige conhecimento aberto, capacidade de interpretação, pois, como o labirinto é um lugar de caminhos desorientadores; tendo os acordos, os conceitos, as teorias e as práticas cotidianas como o fio que guia os homens por suas entradas que levam às saídas e suas saídas que conduzem às novas entradas!

O objetivo dessa seção é mostrar como os dois labirintos do conto de Borges podem ser pensados como duas belas metáforas para dialogarmos com e sobre alguns saberes contemporâneos sobre a cultura e seus movimentos. Convém pontuar que os labirintos em questão, aparentemente não têm Minotauros, Ariadnes e fios condutores, digo aparentemente, pois, eles estão lá, escondidos esperando serem vistos pelo leitor bisbilhoteiro, e para não fugirmos às nossas intenções, deixo ao leitor esse aspecto da metáfora. Ressalva feita; lanço mão de duas perguntas que vão guiar nossa conversa a partir de agora; qual dos labirintos melhor traduz a cultura na era líquida? Como fomos arrancados da rígida e confortável “fábrica de ordem” da modernidade sólida e abandonados na flexível e incomoda “cooperativa” da modernidade líquida? Antes de adentrarmos no labirinto, como ensina o Mito, convém dispormos de um fio que nos ajude no caminho de volta. Nosso fio será a noção de cultura desenvolvida e apresentada por Edgar Morin no quarto volume de *O Método*.

Pensar complexamente sobre a complexidade da cultura sugere que a percebamos a partir da relação de criação mútua que partilha com a sociedade, para não repetir o equívoco de pensar essa relação em termos estruturais e super estruturais, já superados pela força criadora dessa tensão dialógica e retroativa entre a vida social que cria a vida cultural e a vida cultural que cria a vida social.

No *Método 4*, a cultura é apresentada metaforicamente como uma “máquina cognitiva cuja práxis é cognitiva”, um “megacomputador complexo” portador de dois “poliprogramas”, um de origem bioantropológico e um de origem sociocultural, interligados por ininterrupto processo de “inter-retroações dialógicas”, formando um “anel bio-antropo(-cérebro-psico)-cultural.”(MORIN, 1998, p. 21-22)

A cultura é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências apreendidas das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim se manifestam “representações coletivas”, “consciência coletiva”, “imaginário coletivo”. E, dispondo de seu capital cognitivo, a cultura institui as regras/normas que organizam a sociedade e governam os comportamentos individuais. As regras/normas culturais geram

processos sociais e regeneram globalmente a complexidade social adquirida por essa mesma cultura. (MORIN, 1998, p. 19)

Os homens criam a linguagem e são por ela criados, ou usando uma terminologia de Heidegger, são criados *na linguagem*, pois, o filósofo a chamou de a *casa-do-ser*. A passagem abaixo é de Morin e vem reforçar nossos argumentos:

Assim, tudo se encontra contido na linguagem, mas ela própria é uma parte contida no todo que contém. A linguagem está em nós e estamos na linguagem. Fazemos a linguagem que nos faz. Somos, na e através da linguagem, abertos pelas palavras, fechados nas palavras, abertos para o outro (comunicação), fechados para o outro (mentira, erro), abertos para as ideias, fechados nas ideias, abertos para o mundo, fechados ao mundo. Reencontramos o paradoxo cognitivo maior: *somos prisioneiros daquilo que nos liberta e libertos por aquilo que nos cerca*. (MORIN, 1998, p. 210) Grifos meus

Essa cultura que envolve à todos e ao mesmo tempo está em cada um a partir da *complexa* ação sapiens demens de compreender e interagir com o seu entorno, a partir de um cérebro, capaz de pensar numa dialógica triúnica. Como já ensinou Sloterdijk ao responder à Heidegger, *o homem esta no mundo e tem um mundo*, habita a casa do ser, a linguagem, uma “clareira” entre a o biológico e o natural, e que Morin afirma, não é uma divisão, mas uma totalidade não totalizadora, mas o fato do homem ser, ao mesmo tempo, 100% cultura e 100% natureza! Agora podemos voltar aos labirintos.

Os caminhos fechados, calculados e fixos do Labirinto de Bronze da Babilônia, permitem àqueles que nele vagam inúmeras possibilidades, de invenções de múltiplos caminhos, mas sempre limitadas pelas fortes paredes e portas de bronze, bricolagens entre o encontrar e o perder caminhos e sentidos nas entradas e saídas que nos remeteu ao que Bauman chamou de a “fábrica de ordem” da modernidade sólida e suas relações entres gerentes da cultura e produtores culturais, escultores e esculpidos, mestres e alunos.

A noção de cultura comum aos textos classificados sob a rubrica da ciência social tem sido um mecanismo estabilizador que gera rotina e repetição, um instrumento da inércia – jamais um fermento que evita a realidade social fique parada e que obrigue a uma eterna autotranscedência, como Adorno e Arendt insistiram que haveria de ser. (BAUMAN, 2007, p. 75)

Por muito tempo pensar sobre o valor cultural de um artefato da cultura era pensar sobre sua duração; a saber: “Um objeto é cultural na medida em que sobreviva a qualquer uso que possa ter servido à sua criação.” (BAUMAN, 2007, p. 76) Na modernidade Sólida a cultura era pensada como um esforço civilizador, que concebeu o mundo como uma escola, na qual a regra substituiu o acaso, levando que a norma superasse a espontaneidade. A partir de suas leituras de Foucault, Bauman coloca que a melhor metáfora para pensar essa cultura da modernidade sólida é interpretá-la como uma “Fábrica de Ordem”. Fábrica de ordem que especificava e apresentava necessidades, e prescrevia os princípios, regras e padrões, que deveriam ser seguidos para satisfazer-las. (Cf. BAUMAN, 1998, p.163) A passagem seguinte esclarece o que acima foi dito:

É assim que tendemos a pensar a cultura hoje: como num dispositivo de antialeatoriedade, um esforço para estabelecer e manter uma ordem; como numa guerra contínua contra a aleatoriedade e esse caos que a aleatoriedade

ocasiona. Na luta eterna entre ordem e caos, o lugar da cultura é inequivocadamente no lado da ordem. (BAUMAN, 1998, p.164)

O pensador da era líquida propõe a superação desse fixo e hierárquico paradigma, que tem seus primeiros esboços nas noções de Cícero sobre a cultura como agricultura, e que sempre precisou uma ação externa para sua existência e manutenção, argumenta que Lévi-Strauss deu um importante passo nesse sentido, ao expor seu clássico conceito de *bricolage*:

Toda cultura, inclusive o tipo menos complexo segundo os padrões da vanguarda, está diretamente envolvida naquilo a que Lévi-Strauss deu o memorável nome de *bricolage*; ela interfere continuamente novos signos de qualquer coisa que, por acaso, se ache à mão e verte continuamente novos significados em tudo o que, por acaso, se ache próximo, à espera de se tornar um signo. (BAUMAN, 1998, p. 174)

De acordo com Bauman, esse movimento fez com que os duros, longos e lentos movimentos culturais, que aqui estamos comparando com ao labirinto de bronze do conto, tenham sido transformados nos movimentos fluidos, efêmeros e velozes da Modernidade Líquida e sua cultura sem muros e portas que aprisiona tal qual o deserto-labirinto do rei árabe, que embora não seja líquido tem suas formas e paisagens em constante mudança em decorrência do imperceptível movimento de toneladas de grãos de areia ao sabor do vento.

De uma era que perdeu a autoconfiança e com ela a coragem de imaginar e esboçar (muito menos perseguir) modelos de perfeição, a condição que nem demanda nem permite o aperfeiçoamento e na qual toda nova mudança só pode mudar para pior. Diferentemente da modernidade “sólida”, que vivia para a “eternidade” (termo taquigráfico para um estado de eterna, monótona, e irrevogável mesmice), a modernidade líquida não estabelece objetivos nem traça uma linha terminal. Mais precisamente, só atribui a qualidade da permanência ao estado da transitoriedade. O tempo *flui* – não “marcha” mais. Há mudança, sempre mudança, nova mudança, mas sem destino, sem ponto de chegada e sem previsão de uma missão cumprida. Cada momento vivido está prenhe de um novo começo e de um novo final: antes inimigos declarados, agora irmãos siameses. (BAUMAN, 2007, p. 85)

Os gerentes culturais que precisaram abandonar as práticas da “fábrica de ordem” e criaram novas formas de lidar com “cooperativa de consumidores”; passaram da regulação à sedução e pelos caminhos do Neoliberalismo e de sua ode ao Indivíduo e ao Mercado; incentivaram a inclusão pelo consumo e a afirmação da individualidade através daquilo que Bauman chamou de, síndrome consumista, que faz a *duração* fora de moda e promove em milhares de “curtis” a transitoriedade, fazendo a novidade ser mais referenciada e valorizada do que a *permanência*.(Cf. BAUMAN, 2007, p.83).

Os artefatos culturais da indústria de consumo da modernidade líquida não necessitam de um conteúdo que atravessasse os tempos, na verdade os conteúdos não passam de lampejos, como disse Bauman. Os produtos perderam seu padrão *fordista* e agora são criados em design *toyotista*. Nesses tempos de desregulamentação e flexibilização das relações sociais, políticas, econômicas e culturais; homens, ideias e coisas são medidos por novos critérios de consumo, que sugerem uma busca ininterrupta pela satisfação de desejos efêmeros, geralmente incitados e excitados por inteligentes

estratégias de substituição, que objetivam lucros imediatos e são rapidamente propagadas nas redes sociais em compartilhamentos fugazes aparentemente despreziosos.

A HQ inspirada no conto A Cartomante é mais um dos tantos produtos disponíveis na Complexa Cooperativa de Consumidores dos tempos líquidos, um exemplo do movimento que permite a cultura transformar a si mesma, em outros, que são os mesmos, um exemplo da bricolage em tempos líquidos, noutros termos, uma combinação de dois usos desviantes e inusitados. Uma é a ideia desviante de adaptar um texto clássico do humanismo brasileiro à descontraída linguagem dos Quadrinhos e a outra é a ideia de usar os desviantes Quadrinhos como suporte de divulgação de um texto da grave literatura brasileira. Entender essa tradução não é tão simples assim e esse será o desafio que vai animar o próximo fluxo de ideias de nosso texto, o atento leitor já deve está sentido os seus respingos.

### **3. SOBRE MÍDIAS E TRADUÇÕES: QUEM DIRIA QUE OS QUADRINHOS AJUDARIAM A SALVAR O HUMANISMO!**

As Linhas escritas, apesar de serem muito mais freqüentes do que antes, vêm se tornando menos importantes para as massas do que as superfícies. Não necessitamos de profetas para saber que o “homem unidimensional” está desaparecendo. O que significam essas superfícies? Essa a pergunta do momento. Com certeza elas representam o mundo tanto quanto as linhas os fazem. Mas como elas representam? Será que são adequadas para o mundo? E, caso afirmativo, como? Será que eles representam o mesmo mundo que as linhas escritas? O problema é descobrir que tipo de adequação existe entre as superfícies e o mundo, de um lado, e entre as superfícies e as linhas, de outro. (FLUSSER, 2007,p.103)

Os quadrinhos surgiram no final do século XIX como uma forma menor de expressão artística e aos poucos foram ganhando, as características que os fizeram ícones da Indústria Cultural no Século XX, atraindo para si jovens leitores que cada vez mais substituíam em sua lista de divertimentos a leitura de livros pela leitura de quadrinhos.

Habilmente apropriados pelos gerentes das culturas de massas, em tornos dos quadrinhos foi criada uma indústria de bilhões de dólares com seus enredos enlatados; suas ideias liberais, seus personagens carismáticos que de Mickey Mouse e Pato Donald aos super-heróis destemidos e super-vilões poderosos, que foram usados à exaustão como parte de estratégias de forte apelo e incitação ao consumismo por meio de seus milhares de produtos licenciados, que vão do macarrão instantâneo aos produtos eletrônicos de última geração.

Apesar dos grandes lucros gerados aos editores e do grande sucesso entre os leitores jovens, os quadrinhos geralmente foram por muito tempo e ainda são percebidos e considerados como rivais dos livros, artefatos que desviam as mentes juvenis do reto caminho das boas leituras que formam verdadeiros seres humanos. A pecha de mídia desinibidora acompanhou os quadrinhos por todo o século XX, e mesmo diante da má fama de leitura fútil ou menor, resistiu ao Rádio, à Televisão e à Internet.

O fato de termos em nossas mãos Quadrinhos que têm em seus enredos não aquilo que se convencionou neles encontramos, e ao invés de “lampejos de conteúdos” lemos em suas páginas um roteiro desenvolvido a partir de uma tradução, de um texto cânone da mais fina tradição humanista

brasileira, que foi feito para durar, mas nem tanto por estarmos tratando de um conto, nos coloca questões desconcertantes, que me vieram do esforço de pensar a relação entre os quadrinhos e o humanismo, por meio de um diálogo com Peter Sloterdijk e Vilém Flusser, mais especificamente com argumentos apresentados por eles nos textos *Regras para o Parque Humano* e *Linha e Superfície*.

a) Não seria esse tipo de quadrinho, que tem como roteiro uma adaptação de um produto do humanismo, uma espécie de reconfiguração das relações entre mídias bestializadoras e domesticadoras?

b) Seriam os quadrinhos apenas mais uma forma de enterrar de vez o humanismo nos porões da cultura, mais um produto efêmero de uma indústria que resolveu apelar às nossas últimas crenças humanistas, ou outro modo de fazer velhas cartas chegarem aos novos destinatários, levando os saberes do humanismo às pontas dos dedos dos leitores em seus tablets. Em termos mais simples, uma forma de não jogar fora a criança junto com a água da bacia?

c) Terão mesmo sido os humanistas condenados a serem sucedidos por arquivistas e arquivologistas dedicados à poeira das bibliotecas, ou teriam os pós-humanistas a possibilidade de se apropriarem de outras formas de linguagens e mídias, no caso os Quadrinhos, mas não apenas deles, como formas de tradução aos novos tempos as lições da longa corrente de cartas entre amigos distantes? As questões não serão respondidas seguindo a ordem que acabei de apresenta, e sim, repercutidas e entrelaçadas ao longo do texto.

Peter Sloterdijk em sua resposta à carta de Heidegger ao humanismo me ajudou a ter bons insights sobre as questões acima elaboradas ao afirmar que podemos pensar a cultura humana como uma *questão de mídia*:

[...] a questão de como o ser humano poderia se tornar um ser humano verdadeiro ou real está daqui em diante inevitavelmente colocada como uma questão de mídia, **se entendermos mídias os meios comunitários e comunicativos pelos quais os homens se formam a si mesmos para o que podem, e o que vão, se tornar.** (SLOTERDIJK, 2000, p. 20) Grifos Meus

Essas relações que compõe essa questão de mídias por muitos séculos foram pensadas como um antagonismo, um conflito entre as *mídias bestializadoras*, que exerciam nos seres humanos influências desinibidoras do embrutecimento nos seres humanos; e as *mídias domesticadoras*, que inibem nos seres humanos o desenvolvimento desse mesmo embrutecimento.

Os romanos tinham ambas em formas bem distintas, de um lado os teatros e suas ilusões, as arenas e a bestialidade sangrenta, o Circo, da fórmula de Juvenal; e do outro as boas leituras, as cartas de velhos e distantes amigos, que eles bem souberam escutar e copiar transportando ao mundo Moderno aquilo que Cícero chamou de *humanitas*. Dedicemos alguns instantes para que possamos melhor compreender essa religião das linhas, numa breve compilação do que disse Sloterdijk sobre a pequena seita de alfabetizado que converteu o Ocidente e apesar dos reveses contemporâneos ainda continua influenciando discursos e práticas sociais, políticas e culturais.

O humanismo, que floresceu a partir de uma “pequena seita de alfabetizados”, foi aprendido com os sábios gregos e tem suas origens nas “consequências da alfabetização”, que ao serem traduzidos para o latim pelos romanos tiveram preservados sua “[...] natureza e função: a comunicação propiciadora de amizade realizada à distância por meio da escrita.” (SLOTERDIJK, 2000, p. 7)

Essa habilidade de fazer amizade por meio de linhas e textos é a principal responsável pela longevidade da filosofia e da literatura, que até hoje sobrevivem como “uma corrente de cartas ao longo das gerações, e, apesar de todos os erros de cópia, talvez até mesmo por causa desses erros, ela atraiu os copistas e intérpretes para seu círculo de amigos” (SLOTERDIJK, 2000, p. 7-8)

[...] A escrita não só estabelece uma ponte tele comunicativa entre amigos manifestos vivendo espacialmente distantes um do outro no momento do envio da correspondência, mas também põe em marcha uma operação rumo ao que não está manifesto: ela lança uma sedução ao longe, uma *actio in distans*, no idioma da magia ds antiga Europa, com o objetivo de revelar o amigo desconhecido enquanto tal e levá-lo a ingressar no círculo dos amigos. De fato, o leitor que se expõe a essa carta mais longa pode entender o livro como um convite, e, caso se entusiasme pela leitura, apresentar-se então ao círculo dos destinatários para lá dar testemunho do recebimento da mensagem. (SLOTERDIJK, 2000, p. 10)

O humanismo foi por muitos séculos a mais eficaz *mídia domesticadora* inventada na breve história da cultura, em poucos séculos tornou-se forma e modelo do mundo Ocidental. Influenciou a invenção coletiva do conhecimento das humanidades, ajudou a domesticar Gauleses e Tupis-Guaranis. Sloterdijk pontua que os gregos surpreender-se-iam se soubessem até que amigos chegaram suas cartas e os usos terríveis e maravilhosos que delas foram feitos, “[...] o humanismo, como palavra e como assunto, sempre tem um “contra quê”, uma vez que constitui o empenho para retirar o ser humano da barbárie.” (SLOTERDIJK, 2000, p. 16)

Nas Modernas Nações Burguesas Europeias e em suas cópias os Clássicos do humanismo eram leitura obrigatória na formação da juventude burguesa, tão essenciais quanto o serviço militar na formação de uma humanidade leitora e armada.

De fato, de 1789 a 1945, os nacional-humanismos livrescos estiveram em seu ápice; vicejava em seu meio, vaidosa e consciente de seu poder, a casta dos filólogos clássicos e modernos, que se sabiam incumbidos da tarefa de iniciar os descendentes no círculo dos receptores das longas cartas paradigmáticas. O poder dos professores, nesse tempo, e o papel-chave dos filólogos fundavam-se em seu conhecimento privilegiado dos autores que deviam ser considerados como remetentes de escritos fundadores de comunidade. O humanismo burguês, substancialmente, não foi mais que o pleno poder de impingir os clássicos à mocidade e reivindicar o valor universal das leituras nacionais. Nesse sentido, as próprias nações burguesas seriam até certo grau produtos literários e postais – ficções de uma predestinada amizade com compatriotas distantes e leitores congregados pelo puro e simples fascínio do conjunto de seus próprios autores. (SLOTERDIJK, 2000, p. 12-13)

O fim dessa época se deu a partir da invenção e massificação do Rádio, da Televisão e da Internet, pois:

[...] a arte de escrever inspiradoras cartas de amor a uma nação de amigos, ainda que fosse exercida da maneira mais profissional possível, já não bastaria para atar os laços tele comunicativos entre os habitantes de uma moderna sociedade de massas. [...] (SLOTERDIJK, 2000, p. 13-14)

Sloterdijk afirma: “[...] a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases. [...] decididamente pós-literárias, pós-espistolares e, conseqüentemente, pós-humanitas” (p. 14) Pois “A síntese social não é mais – nem mesmo em aparência – algo em que livros e cartas tenham papel predominante” (SLOTERDIJK, 2000, p. 14), e:

A era do humanismo moderno como modelo de escola e de formação terminou porque não se sustenta mais a ilusão de que grandes estruturas políticas e econômicas possam ser organizadas segundo o amigável modelo da sociedade literária. (SLOTERDIJK, 2000, p. 14-15)

Embora o humanismo tenha perdido sua força a tensão entre embrutecimento e desembrutecimento continua, com grande vantagem para as primeiras, afinal ainda engatinhamos quando o assunto é criar uma mídia tão eficaz quanto os livros quando o assunto é proteger os homens de suas tendências desinibidoras.

Quem hoje se questiona sobre o futuro da humanidade e dos meios de humanização deseja essencialmente dominar as atuais tendências embrutecedoras entre os homens. Quanto a isso, tem uma perturbadora importância o fato de que o embrutecimento, hoje e sempre, costuma ocorrer exatamente quando há grande desenvolvimento do poder, seja como rudeza imediatamente bélica e imperial, seja como bestialização cotidiana das pessoas pelos entretenimentos desinibidores da mídia. [...] (SLOTERDIJK, 2000, p. 16-17)

Voltando as perguntas iniciais acredito que seja possível dizer que os Quadrinhos considerados como uma mídia desinibidora, ao serem usados como suporte para uma tradução de um produto da cultura humanista-inibidora acaba por reconfigurar a forma como olhamos o conflito entre as mídias, ao sugerir que mídias desinibidoras dependendo do uso podem se tornar inibidoras e vice-versa, ou melhor, podem ter seus usos e sentidos deslocados e combinados entre si, não apenas reproduzindo o conflito entre mídias, mas criando entre elas relações de cooperação.

Quadrinhos como esse sobre A Cartomante são uma inusitada bricolagem que garantirá que os saberes do conto linear cheguem aos leitores que já não tem mais tanto tempo para se dedicar ao paciente tempo das linhas. Não é novidade dizer que os quadrinhos sejam um elo entre o mundo das linhas e das superfícies estáticas e o mundo das superfícies em movimento, o novo é que em tempos líquidos nada permanece estático, com sua “identidade” inalterada nem livros, nem quadrinhos.

Para continuar nossa reflexão tomemos essas questões por outros lados. Em *Linha e Superfície* o conflito entre mídias que estamos falando é colocado em termos de uma relação entre Linhas e Superfície e sobre a possibilidade de uma possível tradução entre elas, o que se tornaria o amálgama do que o autor, Vilém Flusser, chamou de conhecimento pós-histórico. A passagem é longa, mas esclarecedora:

[...] até bem recentemente o pensamento oficial do Ocidente expressava-se muito mais por meio de linhas escritas do que de superfícies. Esse fato é importante. As linhas escritas impõem ao pensamento uma estrutura específica na medida em que representam o mundo por meio dos significados de uma sequência de pontos. Isso implica um estar-no-mundo “histórico” para aqueles e que lêem esses escritos. Paralelamente a esses escritos, sempre existiram superfícies que também representavam o mundo. Essas superfícies impõem uma estrutura muito diferente ao pensamento, ao representarem o mundo por meio de imagens estáticas. Isso implica uma maneira a-histórica de estar-no-mundo para aqueles que produzem e que lêem essas superfícies. Recentemente surgiram novos canais de articulação de pensamento (como filmes e TV), e o

pensamento ocidental está aproveitando cada vês mais esses novos meios. Eles impõem ao pensamento uma estrutura radicalmente nova uma vez que representam o mundo por meio de imagens em movimento. Isso estabelece um estar-no-mundo pós-histórico para aqueles que produzem e usufruem desses novos meios. De certa forma pode-se dizer que esses novos canais incorporam as linhas escritas na tela, elevando o tempo histórico linear das linhas escritas ao nível da superfície. (FLUSSER, 2007, p. 110)

Assim não acredito que os humanistas estejam condenados a serem substituídos por arquivistas e arquivologistas, mas podem continuar a mandar suas velhas cartas, em quadrinhos, filmes e games, mantendo vivas as ideias humanistas, traduzindo o velho mundo unidimensional para o mundo bidimensional em movimento, e os quadrinhos com temas humanistas são um bom exemplo dessas traduções.

Chego ao final desse texto como a sensação de que os quadrinhos não podem salvar o humanismo, mas traduzi-lo aos novos tempos líquidos. Garantindo-lhes uma sobrevivência no competitivo, veloz, efêmero mercado cultural de artefatos e ideias que é a cultura que está em nós, na qual também estamos. Como lembra Flusser, a tradução das linhas às superfícies, a ligação entre o unidimensional e o bidimensional são o início da produção do conhecimento pós-histórico. Cabe a nós acompanharmos esse movimento mais de perto, mais atentamente, essa comunicação é apenas mais uma contribuição nessa direção.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ASSIS, Machado de. **A cartomante**

BAUMAN. Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 160 - 172.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 71-90. p. 106-151.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Organizado por Rafael Cardoso. Tradução: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MORIN, Edgar. **O método 4: As idéias**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1998.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.